

O VOCALISMO ÁTONO NA HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Juliana Simões FONTE*

- RESUMO: No português europeu atual, a regra de alçamento (elevação) de vogal média atua em todos os contextos átonos, sejam eles pretônicos (*p[i]gar, t[u]car*) ou postônicos (*núm[i]r[u], árv[u]r[i], pel[i], pel[u]*). Já entre as variedades do português brasileiro atual, essa regra costuma ser geral apenas para as vogais em posição postônica final e sem travamento silábico (*pel[i], pel[u]*); no contexto pretônico, a elevação da vogal média, nos falares brasileiros em curso, é uma regra variável, geralmente condicionada por contextos fonético-fonológicos específicos (*p[i]dido, c[u]stume, [i]scola, [i]mprego, d[i]sconto*). Com o intuito de investigar o processo de elevação de vogal média átona ao longo da história da língua portuguesa, este trabalho expõe e compara dados dos séculos XIII, XV e XVI que apontam a atuação da regra de alçamento entre as vogais pretônicas e postônicas de então. Esses dados, obtidos por Fonte (2010 a,b; 2014) a partir da observação da grafia empregada nas *Cantigas de Santa Maria* de Afonso X, no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende e em *Os Lusíadas* de Camões, sugerem que, até o século XVI, pelo menos, o alçamento de vogal média era uma regra variável, bastante comum entre as vogais pretônicas, mas ainda incipiente entre as vogais postônicas finais.
- PALAVRAS-CHAVE: Vogais átonas. Alçamento vocálico. Variação. História da língua portuguesa.

Introdução

O objetivo deste trabalho é investigar a atuação da regra de alçamento (elevação) entre as vogais átonas do português antigo, a partir da análise da grafia empregada para representar as vogais pretônicas e postônicas finais em textos poéticos dos séculos XIII, XV e XVI.

Segundo Mateus e d'Andrade (2000), no português europeu (PE) atual, a produção das vogais átonas (pretônicas e postônicas), em geral, é baseada em uma regra de elevação e recuo, que reduz o sistema fonológico de sete vogais (/i, e, ε, a, ɔ, o, u/), na posição acentuada, para quatro vogais, nas posições não acentuadas: [i, i, e, u].

* Pós-doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa. UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Faculdade de Ciências e Letras – Departamento de Linguística. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 – jujufonte@yahoo.com.br

No PE, de acordo com os autores referidos, essa regra é geral, aplicada em todos os contextos átonos (ex.: *p[ɐ]gar, p[i]gar, t[u]car, cér[i]bro, pér[u]la, leit[i], jur[u]*), com pouquíssimas exceções lexicalmente marcadas (ex.: *p[a]deira, cr[ɛ]dor, end[e]usar; c[ɔ]rar, s[o]ltar, sensív[ɛ]l*).

Já o PB atual, na maior parte de suas variedades, apresenta sistemas vocálicos diferentes conforme a posição da vogal átona: se antes (pretônica) ou depois (postônica) da sílaba acentuada. Segundo Câmara Jr. (2007 [1970]), isso ocorre em virtude de uma perda gradual de traços distintivos de abertura (neutralização)¹ que acompanha o grau de enfraquecimento das sílabas do PB atual: tônicas > pretônicas > postônicas. De acordo com o autor, uma primeira neutralização, entre vogais médias abertas (/ɛ, ɔ/) e fechadas (/e, o/), reduz o sistema fonológico constituído de sete vogais (/i, e, ɛ, a, ɔ, o, u/), na posição tônica, para cinco vogais (/i, e, a, o, u/), na posição pretônica. No contexto postônico final (o menos proeminente de todos), ocorre uma neutralização, segundo o estudioso, entre vogais médias (/e, o/) e altas (/i, u/), e o sistema fica reduzido a apenas três fonemas (/i, a, u/).²

No PB atual, portanto, de acordo com essa proposta de Câmara Jr. (2007[1970]), as vogais médias fechadas ([e,o]) mantêm-se na posição pretônica (ex.: *pegar, morar*) e, embora sejam comuns, no nível fonético, casos de alçamento³ de vogal média pretônica nas variedades brasileiras (ex.: *p[i]dido, c[u]stume, [i]scola, [i]mprego, d[i]sconto*), a regra de elevação da vogal átona só costuma ser geral, no Brasil, na posição postônica final (ex.: *pel[i], pel[u]*).⁴

¹ Cabe esclarecer que se trata de uma neutralização da oposição, ou seja, da distinção entre vogais, e não de uma supressão de vogais, na passagem de um sistema (tônico) para outros (átonos). É por isso que os subsistemas átonos propostos por Câmara Jr. (2007 [1970]) também comportam, como veremos mais adiante, as variações do PB atual (inclusive aquelas entre vogais médias abertas e fechadas, na posição pretônica).

² Na posição postônica não-final, de acordo com Câmara Jr. (2007 [1970]), o sistema vocálico do PB atual é constituído de quatro fonemas: /i, e, a, u/. Ao propor esse sistema, Câmara Jr. (2007 [1970]) admite, pois, a neutralização, em favor de /u/, apenas entre as vogais posteriores. Na série das vogais anteriores, segundo o autor, a neutralização não se aplica, no PB atual (variedade culta do Rio de Janeiro), e ocorrem as duas pronúncias ([e] e [i]). Desse modo, Câmara Jr. (2007 [1970], p.44), embora reconheça que é “difícil encontrar pares mínimos opositivos” entre [e] e [i] postônicos não-finais, no PB atual, inclui as duas vogais no quadro fonológico da língua, com a justificativa de que é pouco comum uma pronúncia com vogal postônica alçada para um vocábulo como *número*, por exemplo. Bisol (2003), por seu turno, tomando como base pronúncias do Sul do Brasil (dados estatísticos de Vieira, 2002) e fundamentada na Fonologia Autossegmental (Modelo de Geometria de Traços, de Clements e Hume, 1995), defende que o PB atual apresenta apenas dois subsistemas para as vogais átonas (e não três, como propunha Câmara Jr., 2007 [1970]): um constituído de cinco vogais, na posição pretônica, e outro constituído de três, na posição átona final. No contexto postônico não-final, segundo a interpretação de Bisol (2003), há uma flutuação entre esses dois subsistemas (o de cinco e o de três vogais). Este artigo, dedicado ao estudo das vogais átonas do português antigo, concorda com a proposta de Bisol (2003) e privilegia, nas páginas que se seguem, as posições que representam, genuinamente, esses dois subsistemas átonos do PB atual, ou seja, a posição pretônica e a postônica final.

³ É importante observar que também ocorrem, em algumas variedades do PB atual, casos de abaixamento da vogal média pretônica (ex.: *R[ɛ]cife, s[ɔ]taque*). Este artigo, contudo, não abordará esse processo, já que seu objetivo é estudar os casos de alçamento na história da língua, e não os casos de abaixamento.

⁴ Bisol (2003), embora reconheça que há apenas três fonemas, no quadro de vogais átonas finais do PB atual, observa que a pronúncia alçada ([i] e [u]) não é categórica em todas as variedades brasileiras. Essa afirmação da autora também está fundamentada nos dados de Vieira (2002), que revelam uma resistência à aplicação da regra de alçamento, especialmente entre as vogais anteriores, em alguns falares do Sul do país (em Curitiba, por exemplo, dos 100 casos analisados, o alçamento foi verificado em apenas 37). A partir desses dados, a autora conclui que a elevação das

Observando essas diferenças entre o vocalismo átono europeu e brasileiro, no quadro atual da língua, alguns estudiosos consideraram a hipótese de a generalização da regra de alçamento, entre as vogais átonas do PE atual, ser relativamente recente: posterior ao século XVI, muito provavelmente, já que não foi transplantada para o Brasil, junto com as embarcações portuguesas que para cá vieram, a partir de 1500.

Essa hipótese sugere, pois, que o PB atual, pelo menos no diz respeito ao vocalismo átono, estaria mais próximo do português antigo do que o PE atual, já que a regra de alçamento, no Brasil, ainda é variável em determinados contextos não acentuados. Para Marquilhas (2003), essa regra de alçamento teria se generalizado, no PE, primeiro entre as vogais postônicas finais, exatamente como ocorre no PB atual, para depois ser difundida para as demais posições átonas.

Fonte (2010a,b; 2014), com o intuito de estudar o sistema vocálico (tônico, pretônico e postônico) do português antigo, mapeou e analisou as rimas e a grafia de textos poéticos remanescentes do galego-português (século XIII), do português médio (século XV) e do português moderno (século XVI). Particularmente em relação às vogais átonas, a autora, a partir da observação, no *corpus* estudado, das grafias envolvendo vogais médias e altas, em sílabas pretônicas e postônicas, obteve resultados que questionam, de certa forma, essa proposta de Marquilhas (2003), uma vez que sugerem que a regra de alçamento vocálico, até o século XVI, pelo menos, era muito mais comum entre as vogais pretônicas da língua do que entre as vogais postônicas, em geral.

Cabe observar que Teyssier (1994 [1980]), em estudos dedicados ao vocalismo átono do português, já havia atentado para o fato de não haver, antes do século XVIII, evidências de alçamento de vogal postônica final na história da língua portuguesa. Os dados de Fonte (2010a,b; 2014), portanto, ao mesmo tempo em que contestam a hipótese de Marquilhas (2003), confirmam o testemunho de Teyssier (1994 [1980]).

Diante do exposto, o objetivo do presente estudo é apresentar os dados obtidos por Fonte (2010a,b; 2014), com o intuito de: *i.* difundir os resultados dessa pesquisa que traz informações relevantes sobre a pronúncia de um período passado da língua portuguesa, que não deixou registros orais; e *ii.* aprofundar a discussão iniciada pela autora, ampliando as reflexões sobre os prováveis motivos que teriam levado a regra de alçamento, em um determinado momento da história da língua, a assumir maior força entre as vogais postônicas finais (no caso das variedades brasileiras), a ponto de generalizar-se nesse contexto que, segundo os dados históricos, até o século XVI, pelo menos, não era o mais favorável à aplicação da regra.

Como não havia, no português antigo, um sistema ortográfico ditado por lei, são comuns, em textos remanescentes desse período, variações gráficas na representação de uma mesma palavra (ex.: *egreja*, *eigreja*, *igreja*). Valendo-se desse recurso, Fonte (2010a,b; 2014) buscou, num *corpus* poético formado pelas *Cantigas de Santa Maria* (século XIII), de Afonso X, pelo *Cancioneiro Geral* (século XV e início do século XVI),

átonas finais, apesar de ser, na maior parte das variedades brasileiras, uma regra geral, em algumas regiões do Brasil, apresenta-se como uma regra variável, em vias de generalização.

de Garcia de Resende, e por *Os Lusíadas* (século XVI), de Camões, todas as variações gráficas entre vogais médias e altas, nas sílabas não acentuadas (ex.: *pedido* ~ *pidido*, *costumes* ~ *custumes*; *sangue* ~ *sanguí*). Além disso, a autora também mapeou, no *corpus* referido, todas as representações gráficas (inclusive as invariáveis), para as vogais átonas médias e altas, que fossem diferentes da ortografia atual (ex.: *pipino*, *pulicia*).

É certo que não se podem interpretar dados de escrita como uma representação fiel da fala, já que não cabe à escrita desempenhar o papel da transcrição fonética. Por outro lado, sabendo que faltava, nos séculos XIII, XV e XVI, o jugo das normas ortográficas, não parece ousado dizer que os escribas e compositores da época tinham uma maior liberdade para representar, na escrita, certas particularidades da fala, como o alçamento de vogal média em sílabas átonas, por exemplo.

Baseada nesses argumentos, Fonte (2010a,b; 2014) interpretou as representações gráficas das *Cantigas de Santa Maria*, do *Cancioneiro Geral* e de *Os Lusíadas* como pistas dos falares dos séculos XIII, XV e XVI.

Sobre o *corpus* adotado pela pesquisadora, pode-se dizer que é composto por obras representativas de diferentes fases da história da língua portuguesa (cf. CASTRO, 2008). As *Cantigas de Santa Maria*, de Afonso X, o rei Sábio de Leão e Castela, foram escritas em galego-português, na segunda metade do século XIII, e constituem um testemunho importante da primeira fase (a trovadoresca) do português arcaico (PA). Já o *Cancioneiro Geral* (1516), de Garcia de Resende, que reúne poemas escritos ao longo do século XV e início do XVI, por cerca de 300 poetas, representa, no *corpus* de Fonte (2014), a segunda fase do PA (também conhecida como português médio), período em que teria ocorrido a separação entre o falar galego, particular ao extremo norte da Península Ibérica (Galícia), e o falar português propriamente dito. Por fim, a obra épica de Camões, *Os Lusíadas* (1572), composta por 10 cantos e 1102 estrofes, pode ser considerada uma representante genuína do português moderno, não apenas por figurar como o ícone do Renascentismo em Portugal, mas também (e sobretudo!) pelo seu papel decisivo na história da língua portuguesa, exercendo influência significativa na caracterização do português padrão, inclusive no que diz respeito à criação de nossa ortografia (cf. SOUZA, 2009).

Nas seções a seguir, estão apresentados e discutidos os resultados obtidos por Fonte (2010a,b; 2014) a partir da observação da grafia empregada nessas três obras poéticas para representar as vogais átonas dos séculos XIII, XV e XVI.

As vogais pretônicas nos séculos XIII, XV e XVI

Já vimos que, no PE atual, o sistema fonológico átono (pretônico e postônico), em virtude da atuação de uma regra de elevação e recuo, não contempla as vogais médias (exceto em alguns poucos casos, marcados no léxico).

Já no PB atual, embora o sistema fonológico contemple, no contexto pretônico, as vogais médias fechadas (/i, e, a, o, u/), estudos variacionistas, desenvolvidos em

diferentes regiões do país, revelam que é comum, nas variedades brasileiras, a realização de /e/ e /o/ pretônicos como [i] e [u], respectivamente.

De acordo com tais estudos, o processo de harmonia vocálica, caracterizado pela influência da vogal alta (/i/ ou /u/) da sílaba tônica, é um dos principais responsáveis pela elevação da vogal média pretônica, no PB atual (ex.: *p[i]dido*, *s[i]guro*, *p[u]lícia*, *c[u]stume*). Além disso, as pesquisas também apontam que determinadas consoantes, por meio do chamado processo de redução vocálica, podem condicionar o alçamento da vogal média pretônica, nas variedades brasileiras. Consoantes velares, por exemplo, são frequentemente citadas, nos estudos dedicados ao tema, como um gatilho da elevação de vogais pretônicas, tanto na série anterior (ex.: *p[i]queno*), quanto na posterior (ex.: *c[u]lher*). Particularmente em relação à vogal posterior (/o/), os estudiosos também costumam atribuir a elevação da vogal pretônica à influência das consoantes labiais adjacentes (ex.: *b[u]neca*, *m[u]leque*). Para a vogal anterior (/e/), as consoantes coronais (ex.: *c[i]roulas*) são indicadas como um gatilho recorrente do processo. Ainda entre as vogais anteriores, o alçamento também costuma ser categórico, nas variedades brasileiras, em início de palavra, sobretudo em sílabas travadas por sibilante (ex.: *[i]scola*, *[i]special*) ou nasal (ex.: *[i]mprego*, *[i]nsino*), em encontros vocálicos (ex.: *bob[i]ar*, *g[i]lada*) e na sílaba inicial *des-* (ex.: *d[i]saparecer*, *d[i]sconto*).

Talvez seja o caso de dizer que a elevação da vogal média pretônica, nos falares brasileiros de hoje, pode ser atribuída, na grande maioria dos casos, à assimilação ao traço dos segmentos adjacentes, sejam eles vogais ou consoantes. No caso das vogais, por exemplo, o alçamento pode ser justificado a partir da assimilação aos traços de abertura da vogal alta presente na sílaba contígua. Em relação às consoantes, a influência das labiais e das velares (dorsais), entre as vogais posteriores, e das coronais, na série das anteriores, justifica-se pelo fato de, em termos fonéticos, [u] ser mais labial e dorsal do que [o] e, da mesma forma, [i] ser mais coronal do que [e].

Por outro lado, é importante ressaltar que, em algumas variedades brasileiras, o alçamento da vogal média anterior, que não apresenta os traços [dorsal] e [labial], também pode ocorrer diante de consoante dorsal ou labial. Bisol (2009) mostra, por exemplo, dados de Porto Alegre, no Sul do Brasil, em que a consoante labial da sílaba subsequente condicionou o alçamento de /e/, mas não influenciou a pronúncia de /o/, contrariando, pois, as expectativas. Nesses casos, portanto, o processo não poderia ser justificado a partir do compartilhamento de traços.

Essas e outras incongruências levam Bisol (2009, p.79) a propor que a harmonia vocálica seja um típico processo assimilatório, em variação estável, ao passo que a redução vocálica, ainda incipiente nas variedades do PB atual, apresentaria todas as características de um autêntico caso de neutralização, na medida em que “trabalha na direção a mudar um subsistema de cinco vogais para três vogais, como fez no português europeu”. Para a autora, a harmonização vocálica, por ser um processo mais ou menos regular, condicionado por contexto fonético-fonológico específico, pode ser enquadrada nos pressupostos neogramáticos. A redução vocálica, por seu turno, estaria mais associada a um processo de difusão lexical.

Segundo a proposta de Bisol (2009), a harmonização vocálica aproxima-se da abordagem neogramática porque o alçamento da vogal pretônica tende a ser categórico, nas variedades brasileiras, diante de vogal alta na sílaba (tônica ou átona) adjacente. Já a redução vocálica, segundo Bisol (2009), não depende de um contexto fonético-fonológico específico e, além disso, vai sendo difundida paulatinamente na língua, de modo a incorporar novos itens lexicais.

É preciso ter em mente, todavia, que o alçamento da vogal pretônica, nos dois casos, é uma regra variável, no PB atual. Assim, mesmo a harmonização vocálica pode não ocorrer, em determinadas situações.

Com o intuito de obter pistas sobre a atuação da regra de alçamento, no português antigo, Fonte (2010a,b; 2014) buscou, na escrita das *Cantigas de Santa Maria*, do *Cancioneiro Geral* e de *Os Lusíadas*, vestígios das pronúncias de antanho.

O procedimento metodológico adotado pela autora, conforme já mencionado neste artigo, consiste no mapeamento de todas as variações gráficas, nos *corpora* referidos, entre <e> e <i>, e <o> e <u>, pretônicos. Além dos casos de variação, também foram contemplados, nos estudos de Fonte (2010a,b; 2014), todos os dados que apresentaram, para as vogais pretônicas médias e altas, uma grafia invariável diferente da atual.⁵

Após o levantamento dos dados, Fonte (2010a,b; 2014) organizou-os segundo o contexto fonético-fonológico envolvido no suposto alçamento da vogal média pretônica. Tendo em conta os contextos favorecedores do alçamento, no PB atual, a autora levou em consideração, nessa organização dos dados, os seguintes critérios:

- a influência da vogal alta (/i/ ou /u/) da sílaba tônica (processo de harmonia vocálica);
- a assimilação ao timbre da vogal alta (/i/ ou /u/) presente na sílaba átona, imediatamente seguinte à vogal pretônica-alvo;
- a influência da consoante adjacente (processo de redução vocálica).

⁵ Cabe observar que, entre as muitas grafias (invariáveis ou não) diferentes da atual (oficial), registradas por Fonte (2010a,b; 2014), na representação das vogais pretônicas do português antigo, havia: *i.* casos em que essa vogal pretônica, na atual ortografia da língua, é representada por <e> ou <o> (ex.: *pipino, pulícia*); e *ii.* casos em que essa vogal pretônica é representada por <i> ou <u> (ex.: *fegura, vezinho, fogir, somir*). Ao consultar a etimologia das palavras com grafia diferente da atual, Fonte (2010a,b; 2014) constatou que, entre os casos em que a vogal pretônica, no português de hoje, é alta, mas foi representada, no português antigo, por uma vogal média, essa vogal média, em alguns dados, era etimológica (ex.: *fegura* < *figūram*, *fogir* < *fūgēre*); em outros, não (*vezinho* < *vicinus*, *somir* < *sūmēre*). Esses dados grafados com vogal alta, no português atual, mas registrados com vogal média etimológica, nos *corpora* analisados por Fonte (2010a,b; 2014), foram interpretados pela autora como casos de mudança, na história da língua, em que a variante fonética (ex.: *figura, fugir*), com vogal alta resultante da aplicação da regra de alçamento, substituiu, nos sistemas fonológico e ortográfico do português, a variante com vogal média etimológica (ex. *fegura, fogir*). Já os dados grafados com vogal média não etimológica, nos textos poéticos do passado, foram interpretados por Fonte (2010a,b; 2014) como uma espécie de hipercorreção: diante de uma variação fonética recorrente, entre as vogais pretônicas de então, quem grafou <e> ou <o> (ex.: *vezinho, somir*), em lugar de <i> ou <u> etimológico (ex.: *vizinho, sumir*), teria acreditado que registrava a variante etimológica, e não a fonética. O presente artigo, para não exceder os limites que lhe cabem, vai priorizar apenas os dados de Fonte (2010a,b; 2014) que foram grafados, nos *corpora* referidos, com <i> ou <u> (pretônico) em lugar de <e> ou <o> etimológico e que não sofreram mudança ao longo da história da língua, ou seja, os casos de variação que ainda persistem em muitas variedades do PB atual (ex. *pipino, pulícia*).

Particularmente em relação ao processo de redução vocálica, tomando como base os pontos de articulação das consoantes (Ponto de C), propostos pelo modelo de Geometria de Traços de Clements e Hume (1995), os dados foram organizados a partir dos traços *coronal*, *dorsal* e *labial* das consoantes adjacentes à vogal pretônica-alvo. Vale lembrar que apresentam o traço [coronal] consoantes dentais, alveolares, palato-alveolares e palatais.⁶ O traço [labial], conforme o próprio nome indica, é partilhado por consoantes bilabiais e labiodentais. Por fim, o traço [dorsal] está presente em consoantes velares.

Além disso, Fonte (2010a,b; 2014) também levou em consideração, na organização dos dados, os casos de variação envolvendo a vogal pretônica anterior em início de palavra. Ainda para as vogais anteriores ([e] e [i]), também mereceram a atenção da autora os dados iniciados pela sílaba átona *des-* (prefixo ou não).

Vejam os resultados alcançados por Fonte (2010a,b; 2014) nos itens a seguir, referentes a cada um dos *corpora* consultados.

O alçamento da vogal média pretônica na grafia das *Cantigas de Santa Maria*

Nas 420 *Cantigas de Santa Maria*, que correspondem à vertente religiosa da lírica trovadoresca, Fonte (2010a,b; 2014) encontrou casos de variação gráfica entre vogais pretônicas médias e altas que foram interpretados, pela autora, como indícios de variação fonética, envolvendo alçamento vocálico, no português do século XIII.

Cabe observar que os contextos fonético-fonológicos envolvidos na variação identificada por Fonte (2010a,b; 2014), para o galego-português, são equivalentes aos contextos responsáveis pelo alçamento de vogal média pretônica nas variedades do PB atual.

Um dos contextos mais recorrentes entre os casos de variação mapeados por Fonte (2010a,b; 2014), nas *Cantigas de Santa Maria*, foi o de vogal alta na sílaba tônica. Os exemplos a seguir mostram a atuação do processo de harmonização vocálica no alçamento de vogais pretônicas anteriores (01) e posteriores (02) do galego-português:⁷

⁶ Os estudiosos geralmente incluem as consoantes palatais entre os segmentos que apresentam o traço [coronal] (cf. MATZENAUER, 2005, p.22), embora Chomsky e Halle não tenham atribuído esse traço aos sons palatais.

⁷ Nesta seção, os dados, em cada uma das listas de exemplos, estão organizados da seguinte forma: primeiro os verbos, em ordem alfabética, e, depois, os não-verbos, também em ordem alfabética.

(01)

comedir
(CSM 115, 126, 143, 154, 295, 401)

comidir
(CSM 423)

consentir
(CSM 14, 64)

consintir
(CSM 281)

ferir
(CSM 12, 31, 35, 47, 239)

firir
(CSM 31 *To*, 59 *To*, 63 *To*)

pedir
(CSM 21, 22, 44, 64, 98)

pidir
(CSM 44 *To*, 98 *To*, 401)

repentir “arrepender-se”
(CSM 10, 94, 204, 390)

repintir
(CSM 98 *To*)

crerezia “clerezia”
(CSM 11, 115, 125, 208, 253, 405)

crerizia
(CSM 66, 285)

eregia “heresia”
(CSM 15 *T*, 18)

erigia
(CSM 15 *E*, *To*)

ferida
(CSM 15, 22, 28, 35, 38, 84, 141, 159)

firida
(CSM 28 *To*, 63 *To*, 84 *To*)

meniņa
(CSM 79, 84, 94, 122, 132,
133, 180 *T*, 195, 378)

minina
(CSM 180, 317, 285, 321)

meniņo
(CSM 4, 5, 6, 21, 23, 53 *T*,
138 *T*, 215, 269, 378)

minino
(CSM 53, 115, 149, 323, 393, 403, 406)

(02)

descobrir
(CSM 93, 97, 115, 131, 149, 151,
159, 299, 316, 404, 405, 410)

descubrir
(CSM 316 *F*)

nozir “prejudicar”
(CSM 109, 134, 193)

nuzir
(CSM 5, 190)

As variações arroladas em (01) e (02) podem ser justificadas pela assimilação ao traço de abertura da vogal alta da sílaba tônica adjacente à vogal pretônica-alvo.

Conforme se pode observar, essa vogal alta da sílaba tônica é, nos dois casos, anterior (/i/), e não posterior (/u/). De acordo com Bisol (2013), /i/ também é mais produtivo do que /u/ nos casos de alçamento de vogal média pretônica do PB atual, já que, segundo a autora, a vogal alta anterior é responsável pela elevação tanto de /e/, quanto de /o/, nos falares brasileiros, ao passo que /u/ é mais ativo na elevação de /o/. Nesse ponto, portanto, pode-se dizer que há uma semelhança entre os dados do século XIII e os dados do PB atual, já que os exemplos anteriores mostraram a influência de /i/ no alçamento tanto de /e/, quanto de /o/, no período trovadoresco, mas não trouxeram nenhum caso de elevação de vogal média condicionado pela vogal alta posterior (/u/).

A vogal alta anterior, quando presente na sílaba átona adjacente, também condicionou o alçamento de vogal média pretônica:

(03)

arcediāgo
(CSM 202 F, 204)

arcidiāgo
(CSM 202)

avezimao “infeliz”
(CSM 346)

avizimao
(CSM 127, 329)

nemigalla “nada”
(CSM 65, 95, 117, 132, 178)

nimigalla
(CSM 65 To, 75 E, To; 253 E)

pepion “antiga moeda de Castela”
(CSM 85 T, 102, 145, 305)

pipion
(CSM 85 E)

petiçon “petição”
(CSM 146, 265, 305, 386, 401)

pitiçon
(CSM 146 T, 401 To)

preguiçoso
(CSM 37, 69, 171)

priguiçoso
(CSM 363)

Nesses casos, o alçamento também pode ser justificado pelo espriamento do nó de abertura da vogal alta da sílaba imediatamente seguinte à vogal pretônica-alvo. Com base em dados do PB atual, Bisol (1981) afirma que a tonicidade da vogal alta, no processo de harmonia vocálica, é relevante, mas não é determinante. Segundo a autora, nas variedades do Sul do Brasil, por exemplo, há casos de harmonização vocálica condicionados pela vogal alta da sílaba átona seguinte (ex.: *perdigão*, *procissão*). Observando os dados acima apresentados, pode-se dizer que esse princípio também vale para os casos de harmonização vocálica do galego-português, já que a vogal alta da sílaba átona também desencadeou o alçamento entre as vogais pretônicas do século XIII.

Os segmentos consonantais também parecem ter influenciado alguns dos casos de alçamento vocálico documentados por Fonte (2010a,b; 2014) nas cantigas afonsinas. Os

exemplos (04) e (05) a seguir, dedicados, respectivamente, às vogais médias anteriores e posteriores, evidenciam essa influência da consoante adjacente em variações do século XIII:

(04)

pennor “penhor”
(CSM 25, 62, 305, 369)

pinnor
(CSM 62 T, To)

(05)

jogar
(CSM 6, 42, 136, 154, 156, 163, 254, 401)

jugar
(CSM 174 E)

coberto
(CSM 28, 69, 154, 208, 318, 406)

cuberto
(CSM 65, 208 F)

ençoberto
(CSM 401 To)

encuberto
(CSM 194, 401)

Na variação indicada em (04), a consoante palatal ([ɲ]) sucede a vogal média alçada. Nesse caso, se levarmos em consideração o fato de [i], do ponto de vista fonético, ser mais coronal do que [e], o alçamento pode ser justificado pelo espriamento do traço [coronal] (da consoante palatal) para a vogal pretônica (anterior) da sílaba precedente.

Com relação aos dados apontados em (05), as consoantes envolvidas no processo de redução são todas velares (/k, g/). Nesses casos, não seria difícil justificar o alçamento da vogal pretônica a partir da assimilação ao traço [dorsal] da consoante adjacente, considerando que [u], do ponto de vista fonético, é mais dorsal do que [o].

Em síntese, a observação dos casos de variação gráfica apresentados ao longo desta subseção permite-nos a conclusão de que havia, no século XIII, alçamento de vogal média pretônica e que, nesse período, a regra era condicionada, fundamentalmente, pela assimilação ao traço da vogal alta (tônica ou átona) da sílaba adjacente.

O alçamento da vogal média pretônica na grafia do *Cancioneiro Geral*

Após um século e meio de lírica trovadoresca, a poesia desapareceu dos registros portugueses até o século XVI, quando Garcia de Resende decidiu reunir, em seu *Cancioneiro Geral*, publicado pela primeira vez em 1516, os textos poéticos produzidos ao longo do século XV e início do século XVI. Não fosse essa iniciativa de Resende, também não teríamos, hoje, muito provavelmente (como não temos para o século XIV), qualquer documento que atestasse a produção poética de Portugal, no século XV.

Como Fonte (2014) pretendia obter um quadro fonológico das vogais portuguesas a partir da observação de sucessivas épocas da língua, começando pela primeira (a trovadoresca), após analisar o emprego das vogais nas cantigas medievais religiosas, a autora adotou como *corpus* a próxima obra poética, no eixo cronológico da poesia portuguesa: o *Cancioneiro* de Resende.

Nos dados do século XV e início do século XVI, como nos do século XIII, Fonte (2014) também identificou vestígios de alçamento de vogal média pretônica. Contudo, os casos de variação gráfica ou de grafia invariável diferente da atual, na representação das vogais pretônicas médias e altas, no *Cancioneiro Geral*, foram mais numerosos do que aqueles registrados nas cantigas afonsinas. Por outro lado, embora a quantidade de casos tenha aumentado, em relação ao *corpus* do período anterior, a regra de alçamento continua justificável, na maior parte dos dados, pela influência do segmento adjacente à vogal pretônica alvo.

A vogal alta da sílaba tônica continua, na segunda fase do PA, um contexto recorrente entre os casos de elevação de vogal média pretônica, segundo apontam os dados de Fonte (2014). Nos exemplos arrolados a seguir, vogais altas anteriores (06) e posteriores (07) estão presentes na sílaba tônica que sucede a vogal pretônica (anterior) alçada:⁸

(06)

espedio
(p.48, III)

espidio
(p.90, III)

pedir
(p.149, I; p.371, 458, II; p.77, 288, 314, III;
p.28, 71, 85, 86, 112, 159, 203, 221, 236,
245, 256, 286, 311, 313, 327, 336, IV)

pidir
(p.235, 299, 301, 305, II; 178, IV)

queria
(p.141, 143, 144, I; p.458, II; p.87, 213, 231,
313, 348, III; p.105, 115, 137, 138, 158, 176,
192, 229, 235, 243, 249, 290, 303, 318, IV)

quiria
(p.214, 245, II)

⁸ Como ocorrem, nos dados do português médio e do português moderno, muitas grafias invariáveis (além das variáveis) diferentes da atual, os exemplos desta e da próxima seção foram organizados também segundo esse critério da variação: após apartadas as diferentes categorias gramaticais (verbo e não-verbo), foram separados, dentro de cada categoria, os dados variantes, que aparecem primeiro, dos dados invariantes, que aparecem por último. Essa organização vale para todos os exemplos apresentados nesta e na próxima seção, exceto para os casos de redução vocálica, cuja divisão, conforme será visto mais adiante, levará em consideração, além dos critérios já referidos, o tipo de consoante evolvida (coronal, labial ou dorsal) e sua posição em relação à vogal (antes ou depois).

seguir
(p.74, 76, 92, 94, 154, I; p.311, 390, 398, II;
p.161, 212, III; p.18, 30, 54, 70, 124, 136,
151, 218, 287, IV)

sentir
(p.75, 77, 80, 84, 105, 132, 141, 143, 145,
150, I; p.63, 68, 170, 174, 234, 248, 350,
357, 373, 412, 417, 448, 463, 468, II; p.7, 13,
42, 58, 63, 114, 117, 123, 124, 131, 144, 149,
164, 183, 193, 211, 290, 301, 352, III; p.3,
12, 15, 16, 36, 42, 58, 82, 87, 92, 95, 105,
113, 117, 122, 130, 143, 147, 233, 236, 245,
253, 290, 297, 302, 319, 321, IV)

servir
(p.14, 80, 81, 85, 92, 93, 121, 141, 143, I; p.
417, II; p. 163, 176, 191, 213, 277, 287, 290,
304, III; p.26, 34, 81, 84, 86, 117, 119, 124,
130, 156, 159, 192, 230, 234, 236, 245, 248,
256, 264, 279, 285, 287, 292, 294, 299, 301,
321, 327, IV)

escriu (p.305, II)

escriua (p.416, II)

impidir (p.416, II)

repiu (p.50, II)

enliços
(p.214, I)

esprito
(p.63, 268, 272, 405, II; p.108,
111, 151, 172, 336, IV)

fantasia
(p.19, 303, 383, 401, 436, I; p.56, 144, 174,
177, 221, 235, 238, 318, 325, 333, 344, 367,
410, 418, 443, 451, 454, 472, II; p.14, 118,
122, 147, 160, 169, 231, 232, 241, 255, III;
p.6, 21, 57, 91, 129, 213, 243, 294, 336, IV)

medida
(p.18, 27, 46, 300, 325, 339, IV)

siguir
(p.487, I; 243, II; 88, 91, 100, III)

sintir
(p.180, I; p.65, 68, 131, 170, 211, 223, 228,
235, 244, 245, 256, 346, II)

sirvir
(p.488, I)

inliço
(p.214, I)

Isprito
(p.211, IV)

fantasia
(p.156, IV)

midida
(p.211, II)

menina
(p.78, 302, IV)

mininas
(p.128, III)

mentira
(p.67, 205, 298, 435, I; 17, 52, 452, 454, II;
p.3, 24, III; p.136, 335, IV)

mintiras
(p.203, III; p.104, IV)

metido
(p.62, 88, I; p.413, II; p.4,
355, 381, III; p.179, IV)

mitido
(p.270, II)

mezquinho
(p.215, III; p.163, 276, IV)
mezquinhos
(p.204, I)

mizquinho
(p.272, I)

pedido
(p.95, I; p.347, III)

pidido
(p.272, II)

pedidos
(p.161, I; p.51, IV)

pididos
(p.222, IV)

sentidos
(p.154, I; p.245, 246, II; p.63, 99, III;
p.46, 246, 253, 255, IV)

sintidos
(p.210, II)

biliz “beliz” (p.222, IV)

bixigas (p.179, I)

mindigo (p.214, IV)

pipino (p.309, II)

repitida (p.219, II)

siguinte (p.301, II)

(07)

mesura
(p.184, I; p.233, 260, IV)

misura
(p.320, I)

progenitura
(p.355, II)

proginitura
(p.378, II)

vestiduras
(p.101, III)

vistidura
(p.365, III)

Para a vogal pretônica posterior, também foram registrados, no *Cancioneiro* de Resende, casos de alçamento envolvendo a vogal alta, anterior (08) e posterior (09), da sílaba acentuada:

(08)

encobrir
(p.81, 152, 429, I; p.50, 412, 436,
438, II; p.11, 21, 131, 158, 163, 167,
III; p.12, 28, 52, 249, 295, IV)

encubrir
(p.183, III; p.96, IV)

chuvia (p.424, II)
pussuir (p.324, I)
corisco
(p.209, II)

curiscos
(p.220, 317, I)

focinho
(p.212, 258, I)

fucinhos
(p.220, III)

durido (p.250, II)
lijunjaria “lisonjaria” (p.237, II)
pulicia (p.209, I)
assuvios (p.106, I)

(09)

cobertura
(p.183, 259, I)

cubertura
(p.239, III)

costumes
(p.79, III)

custumes
(p.283, 391, II; p.120, IV)

doçuras
(p.318, 357, II)

duçura
(p.310, 315, 359, I; p.16, II;
p.270, III; p.191, IV)
duçuras
(p.85, I; p.26, 120, III)

fortuna
(p.169, 322, 323, 324, 350, 422, I; p.215,
227, 253, 266, 391, 430, 437, II; p.4, 6, 12,
68, 89, 186, III; p.54, 106, 252, 302, IV)

furtuna
(p.76, II; p.182, 252, IV)

monturo
(p.208, I)

munuro
(p.309, II)

budum (p.309, II)

apustura “compostura” (p.251, II)

cumpustura (p.133, I)

rebuludo (p.337, IV)

Conforme se pode observar, nos casos de harmonização vocálica do português médio, diferentemente do que fora constatado para o galego-português, tanto a vogal alta anterior (/i/) quanto a vogal alta posterior (/u/) atuaram como gatilho do processo.

Na sílaba átona, a vogal alta anterior favorece, nos dados do *Cancioneiro Geral*, de acordo com Fonte (2014), a elevação da vogal média também anterior (10); e a vogal alta posterior influencia o açamento da vogal média posterior (11):

(10)

competidor
(p.155, III)

compitidor
(p.24, II)

mentirosos
(p.76, III)

mintiroso
(p.410, II)

nemigalha
(p.306, 435, 473, I; p.34, 38, II; p.32,
214, 288, III; p.90, 170, IV)

nimigalha
(p.193, IV)

sentimento
(p.93, 101, I; p.36, III)

sintimento
(p.234, II)
sintimentos
(p.246, II;)

cirmonia (p.218, II)

cirmonias (p.429, II)

dilicada (p.191, IV)

dirivados (p.212, I)

livianas (p.446, II)

livindade (p.63, III)

mixilhão (p.473, I)

mixilhoa (p.201, III)

persiguidores (p.240, II)

anticiparam (p.70, III)

entrísticer (p.107, IV)

vivirá (p.271, I)

vivirei (p.79, 339, II; p.93, 119, IV)

vivireis (p.85, III)

(11)

<i>pro<u>cu</u>rar</i> (p.68, I)	<i>pr<u>u</u>curar</i> (p.40, I)
<i>acu<u>st</u>umar</i> (p.101, III)	
<i>cu<u>st</u>umar</i> (p.402, III; p.266, IV)	
<i>co<u>g</u>umelos</i> (p.337, IV)	<i>cu<u>g</u>umelo</i> (p.273, IV)
<i>co<u>st</u>umado</i> (p.389, III)	<i>acu<u>st</u>umado</i> (p.128, II)
<i>po<u>rt</u>ugueses</i> (p.198, II)	<i>pu<u>rt</u>ugues</i> (p.235, III)
<i>acu<u>st</u>umada</i> (p.191, IV)	
<i>cu<u>m</u>unal</i> (p.124, III)	
<i>cu<u>st</u>ureiro</i> (p.45, II)	
<i>cu<u>st</u>ureiros</i> (p.222, III)	
<i>cu<u>st</u>umada</i> (p.236, II)	
<i>desacu<u>st</u>umada</i> (p.128, II)	

É importante observar, com relação aos dados apresentados em (10) e (11), que, em muitos desses exemplos, o acentamento da vogal média pretônica pode estar descendendo de outros paradigmas (verbais ou nominais), como no caso de *m[i]ntiroso*, *comp[i]tidor*, *s[i]ntimento* e *pers[i]guidores*, entre as vogais anteriores, em que o acentamento pode estar associado à pronúncia dessas vogais (também acentadas) nas formas verbais *m[i]ntir*, *comp[i]tir*, *s[i]ntir* e *pers[i]guir* (todas com vogal alta na sílaba tônica), ou no caso de *pr[u]curar*, *ac[u]stumar* e derivados, entre as vogais posteriores, em que a vogal pretônica alta pode ser um resquício do acentamento em formas nominais como *pr[u]cura* e *c[u]stume* (também com vogal alta na sílaba acentuada).

Em início absoluto de palavra, a vogal média anterior acentada, na grafia do *Cancioneiro Geral*, em sílabas travadas por nasal (12) ou sibilante (13):

(12)

<i>en<u>v</u>idar</i> (p.315, III; p.284, IV)	<i>in<u>v</u>idar</i> (p.336, III)
<i>in<u>s</u>inar</i> (p.364, I)	
<i>in<u>o</u>rme</i> (p.266, II)	
<i>in<u>o</u>rmes</i> (p.332, I)	
<i>in<u>i</u>minencia</i> “eminência” (p.59, III)	

(13)

istenso “extenso” (p.267, II)

isame “exame” (p.207, I)

Fonte (2014) também registrou um caso de variação gráfica, no *Cancioneiro Geral*, envolvendo a vogal pretônica anterior do prefixo *des-*:

(14)

desfavores

(p.106, 122, 124, 153, I; p.82, 122, 161, IV)

disfavores

(p.99, 106, I)

Por fim, as consoantes adjacentes revelaram-se um contexto expressivo entre os dados do português médio: o número de casos de alçamento de vogal média associados ao processo de redução vocálica, nos dados do século XV e início do século XVI, é consideravelmente maior do que aquele registrado nas cantigas do século XIII. Nos exemplos arrolados em (15) e (16) a seguir, os segmentos consonantais estão envolvidos nos casos de alçamento de vogais pretônicas anteriores e posteriores, respectivamente:⁹

(15)

ensandecer

(p.20, I; 174, III; p.59, 297, IV)

ensandicer

(p.31, I)

bocijar (p.71, I)

divera (p.13, 185, II; 104, III)

sequer

(p.24, 308, 400, I; 19, 88, II)

siquer

(p.202, III)

caçireiro (*carcereiro*) (p.99, IV)

liam (p.318, II; p.398, III; p.169, IV)

lião (p.376, 380, 382, 387, 388, 389, 467, II)

lioa (p.282, III; p.331, IV)

⁹ Conforme mencionado anteriormente neste artigo, a organização dos exemplos referentes ao processo de redução vocálica, nesta e na próxima seção, levou em consideração, antes de tudo, o tipo de consoante envolvida (coronal, labial ou dorsal) e a posição dessa consoante, em relação à vogal alçada. O primeiro passo foi separar os exemplos segundo o tipo de consoante e listá-los de acordo com a seguinte ordem: coronal, labial e dorsal. Em seguida, dentro de cada grupo, os dados foram divididos segundo a posição da consoante em relação à vogal pretônica alçada: em primeiro lugar, estão arrolados os exemplos com consoante precedente à vogal; depois, aparecem os exemplos em que a consoante está na sílaba seguinte à vogal alçada. Feita essa divisão, a organização passa a seguir os mesmos critérios adotados para os demais exemplos apresentados nesta seção: verbos e não-verbos, palavras variáveis e invariáveis e, por último, ordem alfabética.

*l*ĩões (p.302, 378, 379, 381, I)

*l*ĩões (p.334, IV)

*l*ĩões (p.327, I)

*l*ĩos (p.150, IV)

*l*ionado (p.84, IV)

*mel*hor

(p.161, 324, 470, I; p.140, 195, 196, 228, 354, 419, 421, 422, 429, II; p.24, 29, 189, 237, 272, III; p.7, 8, 13, 286, 289, 296, 309, 327, 331, IV)

*mil*hor

(p.21, 34, 63, 105, 124, 125, 141, 169, 174, 181, 182, 190, 205, 221, 280, 282, 285, 367, 380, 382, 391, 417, 418, 424, 426, 472, 473, 488, 489, I; p.12, 39, 53, 79, 149, 170, 186, 187, 190, 192, 218, 244, 247, 267, 312, 329, 346, 350, 356, 459, 472, II; p.26, 51, 90, 103, 108, 118, 129, 137, 143, 151, 164, 169, 174, 177, 178, 206, 217, 236, 251, 281, 294, 314, 318, 326, 351, 359, 368, 384, 392, III; p.11, 31, 91, 94, 101, 102, 103, 123, 136, 167, 169, 225, 242, 243, 280, 296, IV)

*mel*hores

(p.150, 461, 469, I)

*mil*hores

(p.174, I; p. 314, II; p. 356, III)

*ren*deiro

(p.370, II; p. 377, III)

*rin*deiros

(p.233, III)

*bi*souro (p.338, IV)

*Mar*ichal (p.29, 259, III)

*nin*hũ (p.376, III)

*pin*eira “peneira” (p.435, I)

*pir*nalta (p.366, III)

(16)

*jo*elhos

(p.493, I)

*ju*elhos

(p.35, II)

*f*ogueira

(p.382-83, III)

*f*ugueiras

(p.330, I)

*mu*ela (p.110, 198, III)

*p*umar (p.294, I)

coitado
(p.104, 146, I)

cuitado
(p.200, II)

cuberta (p.174, 192, 271, I; p.224, III)
cubertas (p.345, I; p.32, 247, 397, II)
cuberto (p.167, 347, I; p.42, 249, 406, II)
cubeertos (p.275, IV)
cubertos (p.332, II; p.97, III)
descuberta (p.371, 385, I; 326, 438, II; p.45, IV)
descubertas (p.345, 405, I; p.217, II; p.74, III)
descuberto (p.81, 213, 400, I; p.136, 436, 461, II; p.361, III; p.12, 52, 153, IV)
descubertos (p.332, II)
encuberta (p.350, 371, I; p.150, II; p.59, IV)
encubertas (p.153, I; p.136, 146, II)
encuberto (p.143, 286, 296, I; p.189, II)
encubertos (p.326, II; p.18, III; p.114, IV)
regurosos “rigoroso” (p.419, I)
jugar “jogar” (p.149, 150, 169, 170, 297, 303, I; 452, II; p.18, 78, 329, III; p.3, 172, IV)
jugatar (p.301, I)
juguetar (p.382, III)
jugador (p.18, III)
jugadores (p.311, I)
juguetador (p.298, I)
juguetas (p.83, IV)

Os exemplos indicados em (15) mostram casos de alçamento de vogal média anterior, na sílaba pretônica. Em todos esses dados, a vogal pretônica alçada está precedida ou seguida de uma consoante coronal, que pode ter condicionado a aplicação da regra de alçamento.

Já os exemplos apontados em (16) evidenciam a recorrência das consoantes labiais e dorsais entre os diversos casos de alçamento de vogal média posterior, na sílaba pretônica. Esses casos poderiam ser justificados pela assimilação aos traços [labial] e [dorsal] dessas consoantes, considerando, mais uma vez, que [u], em termos fonéticos, é mais labial e também mais dorsal do que [o]. Entre todos esses dados, apenas a variação *joelhos* ~ *juelhos* não poderia ser justificada a partir de assimilação ao traço da consoante (palatal) adjacente, já que vogais posteriores não apresentam o traço [coronal]. Poderíamos, por outro lado, associar a elevação da vogal média pretônica ao fato de as consoantes palatais (assim como as velares) serem produzidas num

ponto mais alto da cavidade oral. O problema, no entanto, é que essa assimilação não poderia ser representada pelo Modelo de Geometria de Traços, que não contempla o traço de abertura dos segmentos consonantais. O contexto “encontro vocálico” também poderia ser evocado para justificar a elevação da vogal média pretônica, já que esse contexto também é produtivo entre os casos de alçamento do PB atual. Ainda assim, não poderíamos dizer que se trata de um caso de assimilação. São, portanto, casos como esse que sustentam a proposta de Bisol (2009), também já apresentada neste artigo, de que o processo de redução vocálica estaria mais associado à neutralização do que à assimilação.

Enfim, diante do que foi apresentado ao longo desta seção, pode-se dizer que o alçamento vocálico, no português médio, era condicionado por ambos os processos: harmonia e redução. O que se constata, ao comparar os resultados da primeira e da segunda fase do PA, é que houve um aumento, nessa passagem do galego-português para o português médio, dos casos de alçamento envolvendo a atuação de contextos consonantais, que se mostraram, entre os dados do século XV e início do século XVI, tão expressivos quanto aqueles envolvendo a vogal alta da sílaba (tônica ou átona) adjacente. Embora a maioria desses casos possa ser justificada pela assimilação aos traços das consoantes envolvidas, acreditamos, como Bisol (2009), que o processo de redução vocálica, diferentemente do processo de harmonização, está mais próximo de uma regra de neutralização, que trabalha no sentido de reduzir o sistema de cinco para três vogais, do que de uma regra de assimilação de traços. E a comparação entre os dados dos dois períodos até aqui estudados parece sugerir justamente uma progressão desse trabalho de redução do sistema vocálico pretônico na história da língua, na medida em que houve, conforme já mencionado, um aumento significativo, na passagem de um período para o outro, dos casos de alçamento de vogal média pretônica diante de um segmento consonantal.

O alçamento da vogal média pretônica na grafia de *Os Lusíadas*

Para fornecer os dados do português moderno, Fonte (2014) escolheu a obra-prima de Camões, um clássico da Literatura portuguesa e ícone do Renascimento em Portugal: *Os Lusíadas*.

Esse terceiro momento, no eixo cronológico da história do português, também traz evidências da atuação da regra de alçamento entre as vogais médias pretônicas de então. E os contextos fonético-fonológicos envolvidos nos casos documentados por Fonte (2014), na obra épica de Camões, são semelhantes àqueles registrados para os períodos anteriores.

Novamente, a vogal alta da sílaba tônica mostrou-se um contexto recorrente entre os casos de alçamento de vogal média pretônica anterior e posterior. Nos dados apresentados em (17), há uma vogal alta anterior na sílaba acentuada seguinte à vogal pretônica (alçada) também anterior:

(17)

<i>sentir</i> (I-15; II-15, 66; III-65, 66, 141; IV-14, 29, 36; V-58, VI-31, 36; VIII-35, 58; IX-48; X-12, 33, 36, 48)	<i>sintir</i> (V-52)
	<i>difirir</i> (I-30; VIII-80)
<i>devida</i> (I-56)	<i>divido</i> (III-1; VI-55)
<i>embebidos</i> (X-24)	<i>embibidos</i> (V-90)
<i>perigo</i> (I-43; II-14, 27, 28, 30, 44; III-21; IV-8, 29, 80, 101; V-43; VII-2, 39; VIII-48, 85)	<i>pirigos</i> (VIII-89)
<i>Sevilha</i> (III-75; VIII-24)	<i>Sivilha</i> (IV-46)
	<i>gingivas</i> (V-81)
	<i>minina</i> (III-134; IV-3)
	<i>minino</i> (II-36, 43; III-125; IV-92; IX-30, 35)
	<i>niquicia</i> “nequícia” (VIII-65)
	<i>Apinino</i> “Apenino” (III-15)
	<i>Cyfisia</i> “cefisio” (IX-60)
	<i>Cizimbra</i> “Sesimbra” (III-65)
	<i>Hircinia</i> “Hercinia” (III-11)

Entre os casos de acentamento de vogal média posterior, documentados por Fonte (2014) na grafia de *Os Lusíadas*, a vogal alta, anterior (18) e posterior (19), da sílaba acentuada também se mostrou um contexto relevante:

(18)

<i>descobrir</i> (I-43, 103; IV-6; V-4, 44; VIII-70, 71, 72; IX-40, 69, 86; X-52, 140)	<i>descubrir</i> (V-25; VI-26)
<i>sorrir</i> (V-35)	<i>surrir</i> (IX-70)
	<i>cuprir</i> (II-15; VII-37)
	<i>engulir</i> (VI-97)

cobiça
(VII-2, 11; VIII-59, 77; IX-93)

cubiça
(III-32; IV-95; X-55, 58, 145)

homicida
(X-115)

humicidas
(III-136)

insuffridas (V-43)
insufribil (I-65)

(19)

costume
(I-45; II-81, 94, 110; III-13, 96; IV-65; V-2,
98; VII-15, 41, 44, 58, 66; X-91)

custume
(V-1; VIII-42; X-68, 139)

Os exemplos apontados em (18) e (19) mostram a atuação do processo de harmonia vocálica nos casos de alçamento de vogal média pretônica do português moderno. Nesses exemplos, a vogal alta anterior (/i/), presente na sílaba tônica, condicionou o alçamento tanto da vogal pretônica anterior (ex.: *sintir*) quanto da vogal pretônica posterior (ex.: *surrir*). Em contrapartida, a vogal tônica posterior (/u/) influenciou o alçamento apenas da vogal pretônica também posterior (*custume*).

Vimos anteriormente, neste artigo, que Bisol (2013), com base em dados do PB atual, demonstra que, como gatilho de alçamento de vogal média pretônica, /i/ costuma ser mais produtivo do que /u/. De acordo com a autora, isso acontece por razões fundamentalmente articulatórias, já que, segundo o esquema de vogais cardeais, postulado por Jones (1957), /i/ é a vogal mais alta do sistema vocálico, estando um pouco acima de /u/. É por isso que, para Bisol (2013, p.54),

[...] uma vogal alta posterior exerce pouca força atrativa sobre /e/, pois mudar /e/ para /i/ significa criar uma articulação mais alta do que a própria vogal /u/, o condicionador. Isso explica por que *veludo* e *bermuda*, por exemplo, tendem a preservar a vogal da base, enquanto *pipino* e *bonito* tendem a alterá-la.

Isso também explica a maior atuação da vogal alta anterior, em relação à vogal alta posterior, nos casos de alçamento vocálico do século XVI.

Na sílaba não acentuada, a vogal alta anterior também influenciou, segundo Fonte (2014), o alçamento da vogal média pretônica anterior (20) e posterior (21), nos dados do português moderno:

(20)

<i>derivar</i> (X-99)	<i>dirivar</i> (III-21; IV-8; IX-54; X-67)
<i>viverão</i> (II-103; VI-78)	<i>vivirão</i> (II-105)
<i>mentirosas</i> (I-11)	<i>mintirosa</i> (IX-44)
<i>díclinada</i> (II-98) <i>misilhões</i> “mexilhão” (VI-17)	

(21)

<i>cobiçoso</i> (III-76; IV-44, 81; VIII-96; IX-72)	<i>cubiçosos</i> (IX-66)
<i>descobridor</i> (VIII-37, 57)	<i>descubridores</i> (IX-1)
<i>cubiçadas</i> (II-80) <i>ruciada</i> “rociada” (IX-62)	

Já a vogal alta posterior, de acordo com Fonte (2014), condicionou, na sílaba átona, a elevação da vogal média pretônica também posterior, como indicam os dados a seguir, oriundos dos versos de Camões:

(22)

<i>costumar</i> (I-18, 58; II-20; III-4)	<i>custumar</i> (X-122)
<i>costumado</i> (II-57; III-93; IV-45)	<i>custumado</i> (IV-93)
<i>costumada</i> (II-18; III-81; IV-56)	

Os exemplos apresentados em (21) e (22) também confirmam a maior influência da vogal alta anterior (/i/) do que da vogal alta posterior (/u/), nos casos de alçamento de vogal média pretônica condicionados pela assimilação ao traço da vogal alta adjacente. Em todos esses exemplos, conforme já observado, a vogal alta desencadeadora do processo está na sílaba átona seguinte à vogal pretônica-alvo. Em alguns desses dados, no entanto, o alçamento pode ter derivado de outros paradigmas dessas formas verbais e nominais, em que a vogal alta esteja presente na sílaba tônica (ex.: *mentir* > *mintiroso*;

cubiça > *cubiçoso*, *cubiçado*; *descubrir* > *descubridor*; *rucio* > *ruciado*; *custume* > *custumar*, *custumado*).

Em início absoluto de palavra, a vogal pretônica anterior alçou, na grafia documentada em *Os Lusíadas*, nas sílabas travadas por consoante nasal:

(23)

enfiar
(VI-98)

infiar
(VI-87)

ensinar
(I-71, 97; II-78; III-1)

insinar
(I-53; II-70; III-120, 140; VI-33; VII-37;
VIII-79; IX-27; X-83, 84, 109, 112, 118)

incurtar (IX-20)

engenho
(I-2, 4; III-13, 14; IV-102; V-17, 98; VII-82;
VIII-2, 71, 89; X-9, 19, 80, 82, 110, 145,
154)

ingenho
(V-98)

infiado (I-37; II-49)

Por fim, o processo de redução vocálica também se mostrou relevante nos casos de alçamento de vogal média pretônica, anterior (24) e posterior (25), documentados por Fonte (2014) nos versos de Camões:

(24)

bocijar (VI-39)

leoneses
(VIII-9)

liones
(III-70, 89; IV-8)

cigueira (V-54)

lião (I-68; III-129; IV-34, 80; X-43, 69, 147)

Lião (III-19, 70; VI-56)

liao (IV-36; V-12)

melhormente
(IX-12)

milhor
(I-77; II-46; III-18; IV-103; V-34, 35;
VI-40; VII-16; VIII-52, 85; IX-8, 10,
12, 58, 93; X-95, 97, 114, 121)

pelouros
(X-35, 38)

piouro
(I-67; VI-98; X-31, 43, 147)

(25)

*cu*berto (I-19, 105; VI-18, 39; X-63)
*descu*berta (IV-63; IX-65)
*descu*berto (I-105; II-30; V-14, 32, 65; VI-9, 50, 86; VIII-56, 86)
*encu*berta (VIII-55; X-69)
*regu*roso (III-137)
*rigu*rosos (III-125)
*rigu*rosas (X-149)

Analogamente ao que foi observado para os dados do português médio, o processo de redução vocálica, nos casos de alçamento de vogal média pretônica do português moderno, também envolve a presença de consoantes coronais, entre as vogais pretônicas anteriores, e de consoantes dorsais (velares), entre as vogais pretônicas posteriores. A elevação da vogal, portanto, também nesses dados, poderia ser justificada pela assimilação aos traços das consoantes adjacentes, já que vogais anteriores apresentam o traço [coronal], e vogais posteriores apresentam o traço [dorsal]. Contudo, conforme já mencionado neste artigo, acreditamos, como Bisol (2009), que o processo de redução vocálica, embora em alguns casos permita uma interpretação com base na assimilação de traços contíguos, parece funcionar muito mais como uma regra de neutralização do que como um processo meramente assimilatório. Os dados do português moderno, como os do português médio (respeitadas as devidas proporções, já que a obra de Camões é menor, em termos de extensão, do que o *Cancioneiro* de Resende), sustentam a hipótese de que o processo de redução vocálica vinha sendo difundido aos poucos no léxico e, como uma legítima regra de neutralização, que visa reduzir o sistema, ia incorporando cada vez mais contextos sensíveis à regra de alçamento, até torna-se geral, no PE, embora permaneça, nas diferentes variedades do PB atual, como uma regra variável.

Em síntese, diante do que foi apresentado ao longo desta seção, pode-se dizer que Fonte (2010a,b; 2014), ao analisar a grafia adotada nas *Cantigas de Santa Maria*, no *Cancioneiro Geral* e em *Os Lusíadas*, obteve pistas significativas a respeito das pronúncias das vogais pretônicas do galego-português, do português médio e do português moderno.

Nas três obras analisadas, a autora encontrou dados suficientes para caracterizar o alçamento da vogal média pretônica, nos séculos XIII, XV e XVI, como uma regra variável. No caso do século XIII, os resultados alcançados por Fonte (2010a,b; 2014) apontam a atuação de uma regra variável e condicionada, sobretudo, por assimilação ao traço da vogal alta da sílaba (tônica ou átona) adjacente. Para os séculos XV e XVI, entretanto, os dados da autora sugerem que essa regra de alçamento, embora ainda variável, já abarcava novos contextos fonético-fonológicos.

Ao comparar os dados provenientes das três obras estudadas por Fonte (2010a,b; 2014), é possível constatar um aumento, na passagem do galego-português para o português médio, dos casos de elevação de vogal média pretônica associados ao

processo de redução vocálica. É como se a comparação dos dados estivesse sugerindo uma gradual difusão, no léxico, da regra de alçamento - até tornar-se, posteriormente, uma regra geral (em Portugal, mas não no Brasil).

Seguindo a proposta de Bisol (2009) anteriormente citada neste artigo, podem-se interpretar os casos de harmonia vocálica, apresentados ao longo desta seção, como um legítimo processo de assimilação, e os casos de redução vocálica, como uma autêntica regra de neutralização, sendo difundida, pouco a pouco, ao longo dos séculos, a novos itens lexicais da língua.

As vogais postônicas nos séculos XIII, XV e XVI

Conforme observado anteriormente neste trabalho, no português (europeu e brasileiro) atual, o sistema fonológico constituído de sete vogais, na posição tônica, sofre uma redução significativa na posição átona final,¹⁰ em função de uma neutralização entre vogais médias e altas. É importante notar que, nessa neutralização, foi favorecida a pronúncia com vogal alçada, tanto no Brasil ([i], [u]), quanto em Portugal ([ī], [i], [u]), embora a representação ortográfica da língua privilegie as vogais médias (ex. *pele*, *pelo*). Isso quer dizer que o processo de alçamento entre as vogais postônicas finais do português, ao contrário do que foi observado para as vogais pretônicas da língua, é uma regra geral, condicionada pela posição do acento, não apenas no PE, mas também no PB atual (pelo menos, na grande maioria das variedades).

Para investigar o processo de alçamento entre as vogais postônicas do português antigo, Fonte (2010a,b; 2014) adotou a mesma metodologia empregada para o estudo das vogais pretônicas, ou seja, o mapeamento, nas *Cantigas de Santa Maria*, no *Cancioneiro Geral* e em *Os Lusíadas*, de todas as representações gráficas envolvendo vogais médias e altas nas sílabas postônicas. Em seguida, a autora buscou, entre os dados mapeados, casos em que uma vogal alta (<i> ou <u>) estava representando, na grafia (variável ou não) dos *corpora* referidos, uma vogal que, no português atual, é representada pelo grafema <e> ou <o> (ex.: *quasi*).

Conforme já observado na introdução deste estudo, os indícios de alçamento de vogal postônica final, nos séculos XIII, XV e XVI, foram menores do que aqueles documentados por Fonte (2010a,b; 2014) para as vogais pretônicas do mesmo período. Nos três *corpora* referidos, a autora encontrou raros vestígios de alçamento de vogal átona final – e todos eles envolviam apenas a vogal média anterior (<e>).

¹⁰ Conforme já mencionado neste artigo, no contexto postônico não-final, assim como no pretônico, o alçamento de vogal média é uma regra variável, nos falares do PB atual. Como o subsistema postônico não-final, no PB atual, corresponde a uma flutuação entre os subsistemas pretônico e átono final - e também porque o vocalismo átono brasileiro e europeu só coincide no contexto postônico final - este artigo vai contemplar, para as vogais postônicas, apenas os dados de Fonte (2010a,b; 2014) referentes à posição átona final (e sem travamento silábico).

Nas *Cantigas de Santa Maria*, Fonte (2010a,b; 2014) registrou alguns casos de variação gráfica entre vogais médias e altas na sílaba postônica final de formas verbais do século XIII:

(26)

dixe (CSM 55, 125, 144, 233, 238)

diste (CSM 105)

feziste (CSM 6, 14, 32, 75, 84)

ouve (CSM 1, 2, 4, 5, 7)

ouviste (CSM 241, 350, 420, 422)

dixi (CSM 196)

disti (CSM 40)

fezisti (CSM 40)

ouvi (CSM 25, 38)

ouvisti (CSM 40)

Entre as formas nominais documentadas nas cantigas afonsinas, Fonte (2010a,b; 2014) encontrou apenas um caso de variação gráfica envolvendo a vogal da sílaba postônica final:

(27)

sangue (CSM 38 *T To*, 73, 104, 133, 149)

sangui (CSM 38 *E*, 101, 104, 154, 222)

No *Cancioneiro* de Resende, os indícios de alçamento de vogal átona final foram ainda menores do que aqueles encontrados nos versos afonsinos:

(28)

<i>quase</i> (p.203, IV)	<i>dizi</i> (p.97, III)	<i>quasi</i> (p.227, 230, 234, 284, 334, 427, I; p.7, 217, 248, 397, 400, 401, 405, 471, II; p.1, 65, 80, 96, 216, 255, 316, 379, III)
-----------------------------	-------------------------	---

Por último, em *Os Lusíadas*, Fonte (2014) também não encontrou muitos casos de alçamento de vogal média, na sílaba átona final:

(29)

Tigre (IV-64)

quasi (I-10, 77, 79; II-63; III-20)

Tigris (X-102)

Os dados apresentados nesta seção revelam, pois, que, nas três obras analisadas por Fonte (2010a,b; 2014), há um predomínio, na posição átona final, dos grafemas <e> e <o> para representar as vogais anteriores e posteriores, respectivamente. Diante dessa constatação, somos levados a acreditar que o alçamento da vogal postônica final, embora

pudesse ocorrer, no galego-português, no português médio e no início do português moderno, não era, ao que tudo indica, preponderante, na língua, até a segunda metade do século XVI, pelo menos.

Pode-se dizer, portanto, que os resultados obtidos por Fonte (2010a,b; 2014) confirmam o testemunho de Teyssier (1994 [1980]) de que não há evidências, antes do século XVIII, de generalização da regra de alçamento entre as vogais postônicas da língua portuguesa.

Por outro lado, embora os dados de Fonte (2010a,b; 2014) não nos autorizem a afirmar que, nos séculos XIII, XV e XVI, a pronúncia das vogais postônicas finais era semelhante à atual, também não podemos descartar a hipótese de a grafia do português antigo ter sido, em relação às vogais pretônicas de então, mais conservadora na representação das vogais postônicas. Mais do que isso, esse predomínio das grafias com vogal média, nos *corpora* considerados, pode estar indicando que um padrão de escrita fixou-se mais facilmente entre as vogais postônicas do que entre as pretônicas, e que havia, portanto, uma convenção geral em representar todas as vogais átonas finais por <e> e <o>. No caso das vogais posteriores, há ainda o argumento baseado em questões morfológicas para justificar a escassez do grafema <u>, nos dados apontados por Fonte (2010a,b; 2014), já que <o> átono final também representa o morfema marcador de gênero, no português. Contudo, sabendo que as regras de escrita, na época, não eram oficiais e que os falantes dispunham de uma maior liberdade para representar traços da fala na escrita, é de se estranhar o fato de haver tão poucos dados denunciando uma suposta pronúncia predominante [i] e [u], na sílaba átona final de antanho.

Considerações finais

Os dados apresentados ao longo deste artigo, obtidos por Fonte (2010a,b; 2014) a partir da observação da grafia empregada nas *Cantigas de Santa Maria*, no *Cancioneiro Geral* e em *Os Lusíadas*, por fornecerem pistas sobre a pronúncia das vogais átonas do português antigo, proporcionam uma reflexão interessante acerca da propagação da regra de alçamento entre as vogais pretônicas e postônicas da língua, no decorrer da história.

Vimos, no presente artigo, que, no PE atual, o alçamento da vogal média é uma regra geral tanto na sílaba pretônica, quanto na sílaba postônica. Em contrapartida, no PB atual, o alçamento vocálico é uma regra geral entre as vogais postônicas finais, e uma regra (ainda) variável, entre as vogais pretônicas. Observando apenas o quadro atual da língua, poderíamos supor que, historicamente, a regra de alçamento difundiu-se, primeiro, entre as vogais postônicas do português e, depois, estendeu-se para as vogais pretônicas (e é justamente essa a hipótese de Marquilhas, 2003, já mencionada na introdução deste artigo).

Os dados de Fonte (2010a,b; 2014), todavia, sugerem que, até o século XVI, pelo menos, o alçamento de vogal média era muito mais comum entre as vogais pretônicas do português do que entre as vogais postônicas.

Esses dados, que contrariam a expectativa gerada pela atual Fonologia da língua, não apenas indicam que a supremacia da regra de alçamento entre as vogais postônicas, em relação às vogais pretônicas, é recente, na história do português, como também permitem a constatação de que essa suposta transposição da regra teria sido ocasionada, ao que tudo indica, por aspectos de cunho prosódico.

Dito de outro modo, esse provável avanço da prevalência do alçamento na sílaba postônica em detrimento da pretônica, nas variedades brasileiras, explica-se em função do ritmo: a vogal da sílaba átona final é mais breve do que a vogal da sílaba pretônica, no PB atual, e isso teria favorecido a generalização da regra, primeiro, entre as postônicas finais.

No caso do PE atual, por haver uma equivalência no ritmo das vogais átonas em geral, a duração da vogal da sílaba pretônica é bastante próxima da duração da vogal da sílaba postônica - o que justifica a aplicação de uma mesma regra (elevação e recuo) para todas as átonas.

Enfim, o que os dados de Fonte (2010a,b; 2014) nos permitem concluir é que, até a segunda metade do século XVI, pelo menos, o alçamento de vogal média átona ainda era uma regra variável, na língua portuguesa, e atuava mais entre as vogais pretônicas do que entre as vogais postônicas finais.

Esse quadro geral não corresponde, portanto, ao que se verifica, hoje, em termos de vogais átonas, nem no PB, nem no PE, uma vez que, nas duas variedades, a regra de alçamento já não é variável para as vogais postônicas finais e, no caso do PE, também não é para as vogais pretônicas. Nesse sentido, a hipótese de estudos anteriores de que as pronúncias brasileiras em curso estariam mais próximas das antigas pronúncias do português vale apenas para as vogais pretônicas (e não para o sistema vocálico em geral), conforme mostraram os dados apresentados ao longo deste artigo.

FONTE, J. The unstressed vocalism in the history of the Portuguese. *Alfa*, São Paulo, v.61, n.1, p.169-199, 2017.

- *ABSTRACT: In the current European Portuguese, the mid vowel raising operates in all unstressed contexts: pretonics (p[i]gar, t[u]car) and posttonics (núm[i]r[u], árv[u]r[i], pel[i], pel[u]). In the case of the varieties of the current Brazilian Portuguese, this rule is usually general only for the vowels in unstressed final open syllables (pel[i], pel[u]); in the pretonic context, the mid vowel raising, in the current Brazilian dialects, it is a variable rule, commonly conditioned by specific phonetic-phonological contexts (p[i]dido, c[u]stume, [i]scola, [i]mprego, d[i]sconto). In order to investigate the process of unstressed mid vowel raising throughout the history of the Portuguese language, this work presents and compares data from centuries XIII, XV and XVI that suggest the application of the raising rule in pretonic and posttonic vowels of those periods. These data, obtained by Fonte (2010a,b, 2014) through the observation of the written in the Cantigas de Santa Maria by Alfonso X, in the Cancioneiro Geral by Garcia de Resende and in Os Lusíadas by Camões, suggest that, until the sixteenth*

century, at least, the mid vowel raising was a variable rule, quite common among the pretonic vowels, but still incipient among the final posttonic vowels.

- **KEYWORDS:** *Unstressed vowels. Vowel raising. Variation. History of Portuguese.*

REFERÊNCIAS

BISOL, L. A neutralização das átonas. **Revista Letras**, Curitiba, n.61, esp., p.273-283, 2003.

_____. O Alçamento da pretônica sem motivação aparente. In.: BISOL, L.; COLLISCHONN, G. (Org.). **Português do Sul do Brasil: variação fonológica**. Porto Alegre: EDPUCRS, 2009. p.73-92.

_____. Harmonização vocálica: efeito parcial e total. **Organon**, Porto Alegre, v.28, n.54, p.49-61, jan.-jun. 2013.

CÂMARA Jr., J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2007 [1970].

CASTRO, I. **Introdução à história do português**. 2. ed. Lisboa: Edições Colibri, 2008.

CLEMENTS, G. N.; HUME, E. The Internal Structure of Speech Sounds. In: GOLDSMITH, J. A. (Ed.). **Handbook of Phonological Theory**. Oxford: Blackwell, 1995. p.245-306.

FONTE, J. S. **O sistema vocálico do Português Arcaico visto a partir das Cantigas de Santa Maria**. 351 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2010a.

_____. **Rumores da escrita, vestígios do passado: uma interpretação fonológica das vogais do português arcaico por meio da poesia medieval**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010b.

_____. **As vogais na diacronia do português: uma interpretação fonológica de três momentos da história da língua**. 236 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2014.

JONES, D. **An outline of English phonetics**. 8. ed. Cambridge: Heffer & Sons, 1957.

MARQUILHAS, R. Mudança analógica e elevação das vogais pretônicas. In: CASTRO, I.; DUARTE, I. **Razões e Emoção: miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003. v.2, p.7-18.

MATEUS, M. H. M.; d'ANDRADE, E. **The Phonology of Portuguese**. Oxford: Oxford University, 2000.

MATZENAUER, C. L. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, L. (Org.). **Introdução a estudos de Fonologia do Português Brasileiro**. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p.11-73.

SOUZA, N. de. **Um estudo da ortografia da obra *Os Lusíadas* (1572) de Luís de Camões**. 431 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

TEYSSIER, P. **História da língua portuguesa**. 6. ed. Lisboa: Sá da Costa, 1994 [1980].

VIEIRA, M. J. B. As vogais médias postônicas: uma análise variacionista. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. **Fonologia e variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p.127-159.

Recebido em maio de 2016

Aprovado em dezembro de 2016

